

AVALIAÇÃO DE ENFERMAGEM SOBRE GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: PREVENÇÃO E RISCOS

NURSING ASSESSMENT OF ADOLESCENT PREGNANCY: PREVENTION AND RISKS

Ana Luiza Couto Pereira e Bruna Pereira Tomé - Graduandas do 10º período do Curso de Enfermagem do Centro Universitário São José.

Orientadora: Prof. Me. **Rafaela de Oliveira Lopes da Silva** – Especialista em Saúde da Família e Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário São José.

RESUMO

Introdução: A gestação na adolescência tem grandes implicações biológicas, familiares, emocionais e econômicas, que atingem a mulher de forma isolada e toda sociedade, limitando ou mesmo protelando as possibilidades de desenvolvimento e inclusão dessas adolescentes na sociedade. **Objetivo:** explorar os efeitos físicos, psicológicos e sociais da gravidez durante a adolescência. **Método:** Revisão integrativa com abordagem qualitativa. **Resultados:** foram selecionados 87 artigos para leitura minuciosa e apenas 12 artigos foram selecionados para esta revisão. O estudo da gravidez na adolescência é majoritariamente caracterizado por explicações e estudos preventivistas que a discutem a ótica fornecida pelas áreas da biologia, obstetrícia, pediatria, epidemiologia, entre outros, configurando, na maior parte das vezes, pré-concepções acerca da sexualidade da jovem, colocando-a, geralmente, como se fosse um problema, o que certamente não favorece o avanço do conhecimento na área. **Conclusão:** Os resultados desta análise indicam uma ligação entre a gravidez na adolescência e a prematuridade, afetando a morbimortalidade infantil e tornando-se um problema de saúde coletiva. Portanto, é responsabilidade dos profissionais de enfermagem melhorar a escuta, estreitar laços com esses jovens, assegurando acesso a informações e métodos contraceptivos, além de fomentar iniciativas coletivas que ajudem os adolescentes a lidar com sua sexualidade, por meio do aprimoramento do autocuidado e do acesso a atividades educacionais.

Palavras-chave: Gravidez; Adolescência; Enfermagem.

ABSTRACT

Introduction: Pregnancy during adolescence has major biological, family, emotional and economic implications, which affect women in isolation and society as a whole, limiting or even protecting the possibilities of development and inclusion of these adolescents in

society. Objective: explore the physical, psychological and social effects of pregnancy during adolescence. Method: Integrative review with a qualitative approach. Results: 87 articles were selected for thorough reading and only 12 articles were selected for this review. The study of teenage pregnancy is mostly characterized by preventive explanations and studies that discuss it from the perspective provided by the areas of biology, obstetrics, pediatrics, epidemiology, among others, configuring, in most cases, preconceptions about young people's sexuality. , generally presenting it as if it were a problem, which certainly does not favor the advancement of knowledge in the area. Conclusion: The results of this analysis indicate a link between teenage pregnancy and prematurity, affecting infant morbidity and mortality and becoming a public health problem. Therefore, it is the responsibility of nursing professionals to improve listening, strengthen ties with these young people, ensuring access to information and contraceptive methods, in addition to promoting collective initiatives that help adolescents deal with their sexuality, through improving self-care and access to educational activities.

Keywords: Pregnancy. Adolescence. Nursing.

INTRODUÇÃO

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) nomeia os indivíduos entre 12 e 18 anos como adolescentes, com algumas condições que permitem tal nomeação até os 21 anos (ECA, 1990). Já a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2009) considera como adolescência o intervalo entre 10 e 19 anos, reconhecendo como juventude o período de 15 a 24 anos. Algumas normativas do Ministério da Saúde, contudo, incluem os/as adolescentes dentre um grupo mais heterogêneo de 10 a 24 anos (BRASIL, 2007).

A gestação nesse período da vida tem grandes implicações biológicas, familiares, emocionais e econômicas, que atingem a mulher de forma isolada e toda sociedade, limitando ou mesmo protelando as possibilidades de desenvolvimento e inclusão dessas adolescentes na sociedade. No Brasil, a taxa de gravidez na adolescência é alta. De acordo com alguns dados estatísticos, no país, o número de mulheres em idade entre 15 e 49 anos que tiveram filhos chega 400 mil casos/ano (BRASIL, 2022).

Para a adolescente, a gravidez pode implicar uma revisão de seus planos de vida e a obrigação de assumir o papel de mãe, para o qual muitas vezes não está e não se sente preparada. Ademais, para as adolescentes grávidas e futuras mães, a gravidez não apenas implica nas mudanças físicas e emocionais naturais dessa fase, mas também em

uma adaptação a um novo estilo de vida, exigindo maturidade psicológica e socioeconômica para atender às necessidades próprias e do bebê. Sugerindo que fatores como falta de informação, apoio familiar e comunitário contribuem para isso.

Várias são as causas que concorrem para a gravidez na adolescência. Contudo, a desinformação acerca da sexualidade e direitos sexuais e reprodutivos é o principal fator. Problemas emocionais, psicossociais e contextuais também favorecem, inclusive para a ausência de acesso à proteção social e ao sistema de saúde, incluindo o uso inadequado de métodos contraceptivos (Cabral, 2020).

Rocha et al. (2017) complementam ainda que de modo geral, a gestação na adolescência é classificada como de risco, uma vez que representa uma situação de risco biológico e existem indícios de que este fenômeno repercute negativamente nos índices de evasão escolar, impactando no nível de escolaridade da mãe, diminuindo suas oportunidades futuras.

Nesse momento, vale destacar que a existência de uma herança médica que existe em nosso meio produz um paradoxo, posto que cria conceitos e mecanismos que doutrina a produção de conhecimento e prestação de serviços ao adolescente relacionando-os comumente, de um modo reducionista, à “imaturidade” da vida sexual e irresponsabilidade desse sujeito. Aliás, desta visão decorrem os qualitativos elencados anteriormente. Estas expressões funcionam como princípios ou matrizes teóricas, que como crenças silenciosas, condicionam e delimitam a problematização do tema.

Para Dadoorian (2003), as altas taxas de gravidez na adolescência provocaram um maior interesse sobre essa questão por parte dos profissionais de diversas áreas, especialmente do Serviço Social que buscam uma compreensão sobre o tema e que permita explicar a complexidade desse fenômeno. Interessante observar que a autora acima citada, levanta uma questão acerca da divulgação das informações sobre os métodos contraceptivos: Se existe a informação, por que as adolescentes continuam engravidando? Para responder essa pergunta ela responde que é preciso focalizar o olhar sobre o que pensam essas jovens sobre esse fenômeno.

A maior parte das adolescentes grávidas de maneira precoce acabam parando os estudos e dizendo que vão voltar depois do nascimento do bebê, no entanto, na verdade, várias delas interrompem e não voltam mais às salas de aula. A evasão escolar

vai repercutir no futuro dessa jovem, onde isso acarretará como consequências o desemprego, analfabetismo funcional e a dependência financeira dos familiares, razões essas que vão refletir no baixo nível escolar e no índice de pobreza.

Nesse contexto, os profissionais de enfermagem que atuam com a atenção aos adolescentes, têm o papel de desenvolver estratégias assistenciais e educativas, capazes de abranger esse grupo. Assim, é essencial realizar um planejamento de cuidado e atenção ao adolescente direcionado às necessidades e características dessa faixa etária.

Ainda que a adolescência seja vista juridicamente um período curto, durando 6 anos (dos 12 aos 18 anos incompletos), é uma fase de transformações rápidas e profundas no ciclo de vida, sendo considerada um período de transição entre a infância e a idade adulta (Menon, 2019; ECA, 1990). A gestação nesse período da vida tem grandes implicações biológicas, familiares, emocionais e econômicas, que atingem a mulher de forma isolada e toda sociedade, limitando ou mesmo protelando as possibilidades de desenvolvimento e inclusão dessas adolescentes na sociedade. No Brasil, a taxa de gravidez na adolescência é alta. A taxa mundial de gravidez adolescente é estimada em 46 nascimentos para cada 1 mil meninas de 15 a 19 anos. No Brasil, um em cada sete bebês é filho de mãe adolescente. A cada hora nascem 48 bebês, filhos de mães adolescentes (BRASIL, 2022).

A justificativa do tema se dá pelo índice crescente de adolescentes grávidas, uma vez que há escassez de informação adequada acarretando uma gravidez precoce e indesejada que desestabiliza toda família, sendo assim, a atuação do enfermeiro no trabalho com esse público é essencial, posto que por meio de um trabalho de orientação é possível modificar cenários, onde proporcionará aos adolescentes uma reflexão profunda sobre o risco de uma gravidez precoce.

Logo, a importância deste estudo é dupla. Em primeiro lugar, busca-se contribuir para o avanço do conhecimento na área da enfermagem no tema em questão, fornecendo evidências científicas sólidas sobre a eficácia de intervenções específicas de enfermagem na prevenção de gravidez na adolescência e nas complicações que podem desencadear. Em segundo lugar, tem-se o intuito de promover orientações práticas e recomendações baseadas em evidências para os profissionais de enfermagem,

capacitando-os a oferecer cuidados mais eficazes e centrados no paciente que enfrentam essa condição.

Ademais, este estudo é especialmente relevante no contexto acadêmico, posto que viabilizará uma chance valiosa para os graduandos em enfermagem adquirirem habilidades de pesquisa, análise crítica de evidências e aplicação prática de conhecimentos teóricos. Ao envolver os graduandos neste projeto, também se pretende promover sua formação profissional, incentivando-os a se tornarem profissionais de enfermagem críticos, reflexivos e comprometidos com a melhoria contínua da prática clínica.

Sendo assim, diante da importância da prevenção da gravidez na adolescência, da necessidade de evidências robustas para orientar a prática de enfermagem com a as possíveis complicações de uma gravidez não desejada e da relevância do engajamento dos graduandos na pesquisa, justifica-se plenamente a realização deste estudo.

O presente trabalho tem como objetivo geral explorar os efeitos físicos, psicológicos e sociais da gravidez durante a adolescência. E como objetivos específicos: analisar as principais causas e fatores de risco associados à gravidez na adolescência; examinar as barreiras culturais, sociais e econômicas que influenciam a incidência da gravidez na adolescência

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

A gestação na adolescência é um grande problema para a Saúde Pública do Brasil. Ocorreu nas últimas décadas no país, um aumento significativo na porcentagem de mulheres que dão à luz antes dos 20 anos; esse crescimento, no entanto, não é significativo por si só para justificar o caráter cotidiano de problema social (Pinheiro, Pereira; Freitas, 2019).

De acordo com Rosa, Reis e Ferreira (2006) o estudo da gravidez na adolescência é majoritariamente caracterizado por explicações e estudos preventivistas que a discute pelas óticas fornecidas pelas áreas da biologia, obstetrícia, pediatria, epidemiologia, entre outros, configurando, na maior parte das vezes, preconcepções

acerca da sexualidade da jovem, colocando-a, geralmente, como se fosse um problema, o que certamente não favorece o avanço do conhecimento na área. Além do mais, tira de foco a questão de que um sujeito, ainda que em desenvolvimento, tem o direito de fazer escolhas.

Rosa, Reis e Ferreira (2006) destacam também que é sabido que a gravidez na adolescência acarreta consequências imediatas no emocional dos jovens envolvidos. Os sentimentos vivenciados por eles são: medos, insegurança, desespero, sentimento de solidão, principalmente no momento da descoberta.

A maior parte das adolescentes grávidas de maneira precoce acabam parando os estudos e dizendo que vão voltar depois do nascimento do bebê, no entanto, na verdade, várias delas interrompem e não voltam mais às salas de aula. A evasão escolar vai repercutir no futuro dessa jovem, onde isso acarretará como consequências o desemprego, analfabetismo funcional e a dependência financeira dos familiares, razões essas que vão refletir no baixo nível escolar e no índice de pobreza (Sousa et al., 2018).

Assim, o Programa de saúde do Adolescente (PROSAD) foi criado pelo Ministério da Saúde em 1989, por meio da portaria no 980/GM, fundamentado na política de prevenção e promoção em saúde, dessa forma, detectando os riscos que os adolescentes possuem durante esse período de desenvolvimento (Da Silva Ribeiro et al., 2016).

FATORES DETERMINANTES DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Uma das maiores mudanças e desafios da adolescência é o aumento do risco. O desenvolvimento psicológico durante a adolescência é mais desafiador e correr riscos é uma parte importante do crescimento. Experimentar coisas novas dá aos jovens a oportunidade de adquirir experiências que os ajudem na transição para a vida adulta independente, como encontrar um emprego, constituir família ou mudar-se para um novo local (Castilho; Mattos, Pedrosa, 2024).

À medida que o cérebro dos adolescentes se desenvolve e novas habilidades cognitivas surgem, sua capacidade de raciocinar e pensar sobre os resultados atingirá o nível mais alto. Na verdade, embora os adolescentes possam igualar as competências de avaliação de riscos dos adultos, nem sempre tomam decisões saudáveis porque

entram em jogo outros fatores para além da avaliação de riscos, tais como os custos emocionais e sociais. Estas tendências podem ser observadas nesta faixa etária sob a forma de experimentação de diversas drogas lícitas e ilícitas e vivências sexuais de forma arriscada (Chwedorowicz et al., 2017).

Uma observação muito importante é que a mídia banaliza o corpo, onde a sexualidade é acelerada, onde a pessoa é vista como objeto (Santos; Carvalho, 2020), transformando-se em fatos que causariam problemas na vida real, em situações, que se resolvem da melhor forma possível na tela”, (MINAS GERAIS, 2017, p. 119) como a gravidez na adolescência.

Além disso, segundo Silva et al. (2022), casos anteriores de gravidez precoce na família da adolescente são vistos como um fator predisponente para que a história se repita. Os valores familiares entram em contato com informações duvidosas, distorcidas e contraditórias da mídia, o que abre brecha para comportamentos de risco e autoafirmação nos adolescentes, o que por vezes leva à gravidez indesejada.

Além de os pais não fornecerem as informações necessárias sobre esse assunto, embora acreditem que seja tarefa da escola e/ou serviço de saúde, fatores culturais, como casos de gravidez de outras adolescentes da família, influenciam fortemente influenciam o comportamento dos jovens, o que coloca em risco a prática da sexualidade saudável (Silva et al., 2022).

A escola é considerada um fator de proteção para problemas de gravidez na adolescência, portanto o sistema educacional brasileiro deve estar atento ao grande número de adolescentes que abandonam a escola e engravidam por falta de conhecimento (MINAS GERAIS, 2017). As meninas menos escolarizadas têm piores perspectivas futuras, em que a gravidez se torna uma forma de ser alguém na vida, ou pelo menos de ser mãe com papel responsável na sociedade (Santos, 2019).

O PLANEJAMENTO FAMILIAR E A EDUCAÇÃO SEXUAL

A sexualidade faz parte da vida do ser humano, ainda que geralmente velada ou pouco resolvida, não se pode ignorar ou deixar de referir. A influência da sexualidade é algo que se desenvolve e se aprende com o tempo, uma vez que faz parte do processo do homem, razão pela qual ela pode intervir em todo o processo de formação da

personalidade. É nesta fase que várias famílias podem se sentir despreparadas para criar as condições dos filhos por se acharem incapazes intelectual e emocionalmente para orientar, direcionar e informar sobre a sexualidade (Cabral, 2020).

É dever dos pais e filhos apreender e vivenciar esta fase de vida, analisando seus saberes, experiências e suas concepções para tomarem consciência de que a família é chave fundamental na preparação dos sujeitos. A família é uma base necessária para assegurar a sobrevivência, a refúgio integral, independente da dinâmica ou da maneira estruturada (Cólis; Souza, 2020).

Nesse tocante, as unidades básicas de saúde (UBS) devem realizar parcerias com escolas, para que as informações sejam disseminadas aos adolescentes como meio de prevenção e promoção a saúde, no fornecimento de atendimentos de maneira multidisciplinar, e aplicando estratégias educativas e informativas, consciencializado a cada jovem em relação a prevenção de gravidez precoce e infecções sexualmente transmissíveis (Da Silva Ribeiro et al., 2016).

E, dentro desse contexto enfermeiro é o profissional habilitado para acompanhar o sujeito em todas as fases de vida e deve estar envolvido nos programas de educação sexual nas escolas, realizando ações e programas direcionados para a saúde do adolescente e sua família que deve levar em conta as verdadeiras demandas de ambos. Todas as instituições que atendem o adolescente como, escolas, UBS, entre outras, precisam e devem incluir a família em suas ações para ela ser apoiada, acolhida e orientada no objetivo de fornecer melhores circunstâncias para que promova o papel de educar os filhos em relação a sexualidade (Izidro; Vale, 2019).

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura que de acordo com Mendes, Silveira e Galvão (2008, p. 9) é um método que tem como objetivo sintetizar resultados obtidos em pesquisas acerca de um assunto ou questão, de modo sistemático, ordenado e abrangente e apresentação dos resultados da seguinte forma: 1) seleção da pergunta

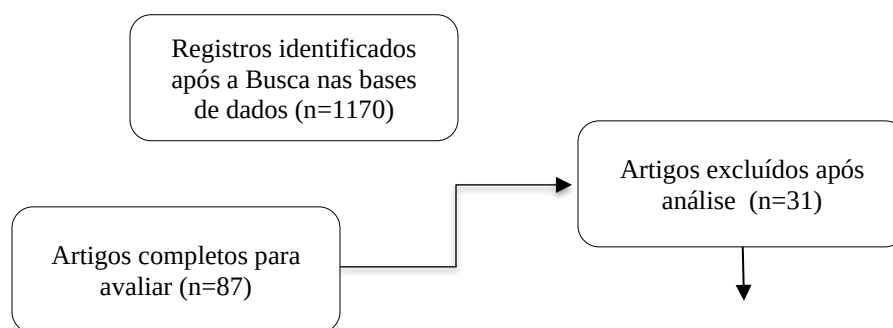
de pesquisa; 2) definição dos critérios de inclusão de estudos e seleção da amostra; 3) representação dos estudos selecionados em formato de tabela; 4) análise crítica dos achados, identificando diferenças e conflitos; 5) interpretação dos resultados e 6) reportar, de forma clara, a evidência encontrada (MENDES, SILVEIRA, GALVÃO; 2008).

Na primeira etapa, foi definida como questão norteadora: Quais são os efeitos físicos, psicológicos e sociais da gravidez durante a adolescência?

A busca foi realizada no período no mês de agosto de 2024. Como estratégia, a busca será realizada em ambiente virtual na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), em bases de dados e indexadores considerados de grande relevância no meio científico: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e na base de dados bibliográficas especializada na área de Enfermagem (BDENF) e na Scientific Electronic Library Online (SCIELO), além de busca manual em referências de estudos já publicados sobre o assunto. A busca compreendeu os seguintes palavras-chaves “Gravidez”, “Adolescência”, “Enfermagem”, associando a seus termos sinônimos e uma lista de termos sensíveis para a busca.

A análise dos dados foi realizada, baseada nos artigos selecionados, seja possível observar, contar e somar, descrever e qualificar os dados e denominar unidade temática, para aglomerar o conhecimento produzido através da temática nessa revisão. Ou seja, foi baseado na produção do documento que engloba a descrição das fases percorridas pelo revisor e os resultados fundamentais revelados da análise dos artigos incluídos. Este trabalho vem responder à pergunta da pesquisa.

Fluxograma 1 - Processo de seleção, elegibilidade e inclusão dos artigos na revisão integrativa. Rio de Janeiro, Brasil, 2024.



Artigos incluídos após
análise (n=12)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Sendo assim, foram selecionados 87 artigos para leitura minuciosa a fim de avaliar os que respondessem aos objetivos do estudo. Foram adotados como critérios de inclusão: artigos relacionados à temática de estudo, da área de enfermagem, no idioma português e inglês, com texto na íntegra e com menos de cinco anos de publicação (2019 a 2024). E como critérios de exclusão: artigos repetidos em mais de uma base de dados e não disponíveis de forma gratuita. Portanto, 12 artigos foram selecionados para análise categórica de dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise, foram selecionados para este estudo 12 (doze) artigos que envolviam o tema em questão. Os artigos tiveram predominância de realização na região nordeste do país, com método quantitativo, publicados em uma média de 5 anos. Ao realizar a leitura na íntegra das publicações, foi possível detectar antagonismos na abordagem da gravidez na adolescência com a incidência da prematuridade, evidenciando a influência do pré-natal e do nível de escolaridade no desfecho estudado (Quadro 1).

Quadro 1: Distribuição dos artigos por autor, título, objetivos e principais resultados, Rio de Janeiro, 2024.

Nº	Autores/Ano	Título	Objetivos	Principais resultados
1	ALMEIDA AHV, et al., (2019)	Baixo peso ao nascer em adolescentes e adultas jovens na Região Nordeste do Brasil	Avaliar a associação entre as características sociodemográficas,	As possíveis causas para bebês com baixo peso foram: número insuficiente de consultas de pré-natal, primigestação,

			do pré-natal e do parto de mães adolescentes e adultas jovens com o baixo peso ao nascer, em municípios da Região Nordeste do Brasil.	prematuridade e escolaridade inadequada. A maior parte das adolescentes possuíam escolaridade inadequada e número reduzido de consultas de pré-natal
2	SANTOS NLAC, et al., (2014)	Gravidez na adolescência: análise de fatores de risco para baixo peso, prematuridade e cesariana	Avaliar a associação entre a gravidez de adolescentes < 16 anos e a ocorrência de nascidos vivos de baixo peso, prematuridade e cesariana.	A maioria das gestantes adolescentes estavam na faixa etária < 16 anos. Estas não realizaram o número suficiente de consultas de pré-natal.
3	PEREIRA SSM, et al., (2019)	Perfil de Gestantes Acometidas de Parto Prematuro em uma Maternidade Pública	Caracterizar o perfil das gestantes acometidas de parto prematuro segundo as variáveis: faixa etária, escolaridade, situação conjugal, ocupação, raça, local de moradia; descrever as complicações do parto prematuro; e identificar o número de óbitos por parto prematuro.	Nas gestantes com diagnóstico de parto precoce, observou-se uma predominância igualitária de prematuros entre adolescentes e adultas jovens.
4	CARVALHO JBL, et al., (2019)	Condições socioeconômicas da gestação de bebês prematuros	Identificar as condições socioeconômicas da gestação de bebês prematuros.	A maioria das mães que tiveram bebês prematuro estavam na faixa etária de 20 a 35 anos de idade. As adolescentes possuíam ensino fundamental incompleto.
5	RIBEIRO JF, et al., (2019)	Complicações obstétricas em adolescentes atendidas em uma maternidade pública de referência	Avaliar as complicações obstétricas em adolescentes atendidas em uma maternidade pública de referência.	Uma das principais complicações obstétricas entre as adolescentes foi o parto prematuro. Estas possuíam alta vulnerabilidade pelo baixo nível escolar.
6	SOUZA ML, et al., (2019)	Taxa de fertilidade e desfecho perinatal em gravidez na adolescência: estudo retrospectivo populacional	Compreender as características e desfechos relacionados à saúde de nascidos vivos de mães adolescentes em comparação com os nascidos vivos de mães adultas, analisando as tendências de taxas de fertilidade específicas por faixa etária e associações com os desfechos perinatais	A maior parte das adolescentes que tiveram parto precoce estavam na faixa etária de 10 a 14 anos de idade. Essas não realizaram o pré-natal de maneira completa e possuíam um risco maior para desfechos adversos na gestação

			selecionados em um estado brasileiro no período de 2006 à 2013.	
7	TUON RA, et al., (2020)	Impacto do monitoramento telefônico de gestantes na prevalência da prematuridade e análise dos fatores de risco associados em Piracicaba, São Paulo, Brasil	Verificar o impacto do monitoramento telefônico na prevalência da prematuridade e identificar os fatores de risco associados ao parto prematuro em grupo de gestantes monitoradas por meio de seguimento telefônico mensal, no Município de Piracicaba.	As gestantes que não foram monitoradas apresentaram uma maior prevalência de prematuridade em relação às gestantes monitoradas. Sendo que, a maior parte dos partos prematuros foram das mães de menor faixa etária de 10-14 anos.
8	BERLITZ et al. (2020)	Fatores de risco aos desfechos obstétricos e neonatais de mães adolescentes	Comparar os desfechos obstétricos e neonatais entre mães adolescentes e adultas.	A prevalência de fatores de risco aos desfechos obstétricos e neonatais de adolescentes de 10-14 anos demanda avaliação criteriosa da saúde. A gravidez precoce na adolescência requer o acionamento de equipes interdisciplinares, redes familiares, socioassistenciais e de proteção sociojurídica.
9	SANTOS; PIO; SOUSA (2022)	Gravidez na adolescência e prematuridade: Existe associação?	Verificar a existência da relação entre os nascimentos prematuros e as gestações precoces no município de Ponte Nova – MG.	Por meio do Coeficiente de Correlação de Pearson, constatou-se a existência da correlação entre gravidez na adolescência e a prematuridade com alta significância dado por 0,82. Portanto, o presente estudo mostrou-se necessário, uma vez que evidenciou a necessidade de se avaliar, discutir e propor medidas de intervenções no que tange a gravidez precoce de adolescentes
10	DIAS; ANTONI; VARGAS (2020)	Perfil clínico e epidemiológico da gravidez na adolescência: Um estudo ecológico	Descrever o perfil clínico e epidemiológico da gestação na adolescência buscando possíveis diferenças em relação à gestação em mulheres adultas.	A gravidez na adolescência se associou com menor número de consultas de pré-natal, maiores taxas de prematuridade e baixo peso, com maior ocorrência de parto vaginal e de anomalias congênitas no RN.

11	MAMEDE et al. (2022)	Prematuridade associada à gestação na adolescência no Estado de Goiás de 2015 à 2019	Analisar a taxa de partos prematuros em adolescentes no estado de Goiás, por meio da análise epidemiológica obtida no Sistema de Informação de Nascidos Vivos (SINASC), no período de 2015 à 2019.	Verificou-se que a baixa escolaridade das mães reflete diretamente em um pré-natal inadequado. Ademais, sabe-se que um número insuficiente de ida ao consultório impossibilita o profissional médico avaliar o risco obstétrico. Somado a isso, foi verificado uma relação importante no que diz respeito ao baixo peso ao nascer e Apgar baixo.
12	MARQUES et al. (2022)	Adolescentes grávidas que experienciaram o nascimento prematuro: percepções acerca do cuidado pré-natal	Conhecer os significados atribuídos ao pré-natal por adolescentes que pariram prematuramente e seus alcances ao parto e nascimento.	Conhecer os significados atribuídos ao pré-natal por adolescentes que pariram prematuramente favoreceu apontamentos ao atitudinal do profissional em relação à consideração da adolescente enquanto indivíduo que direciona o cuidado por meio de seu lugar de fala e no exercício dos seus direitos no sentido de promover uma experiência positiva e qualificar o pré-natal.

Fonte: As pesquisadoras (2024).

De acordo com Almeida et al. (2019) o estudo da gravidez na adolescência é majoritariamente caracterizado por explicações e estudos preventivistas que a discutem a ótica fornecida pelas áreas da biologia, obstetrícia, pediatria, epidemiologia, entre outros, configurando, na maior parte das vezes, pré-concepções acerca da sexualidade da jovem, colocando-a, geralmente, como se fosse um problema, o que certamente não favorece o avanço do conhecimento na área. Além do mais, tira de foco a questão de que um sujeito, ainda que em desenvolvimento, tem o direito de fazer escolhas.

Santos et al. (2018) destacam também que é sabido que a gravidez na adolescência acarreta consequências imediatas no emocional dos jovens envolvidos. Os sentimentos vivenciados são: ansiedade, medos, insegurança, desespero, solidão, sobretudo no momento da descoberta. Os autores complementam ainda que geralmente, a gestação na adolescência é vista como de risco, posto que representa uma condição

de risco biológico e há indícios de que tal fenômeno impacta de forma negativa nos índices de evasão escolar, impactando no nível de escolaridade da mãe, diminuindo suas oportunidades futuras.

Para Pereira et al. (2019) geralmente a gravidez na adolescência utiliza-se a três denominações: gravidez precoce, pressupondo uma idade mais adequada para ter filhos e a existência de uma boa possibilidade de maturidade física e psicológica; gravidez não-planejada, decorrente de certas concepções de que os adolescentes devem ser capazes de se responsabilizar por seus atos, e; gravidez não-desejada, que infere a existência de uma consciência nítida sobre a possibilidade da gravidez no exercício da sexualidade e da constituição de motivos suficientes para impossibilitar sua realização em nome de outros objetivos.

Nesse momento, vale destacar que a existência de uma herança médica que existe em nosso meio produz um paradoxo, posto que cria conceitos e mecanismos que doutrinam a produção de conhecimento e prestação de serviços ao adolescente relacionando-os comumente, de um modo reducionista, à “imaturidade” da vida sexual e irresponsabilidade desse sujeito. Aliás, desta visão decorrem os qualitativos elencados anteriormente. Estas expressões funcionam como princípios ou matrizes teóricas, que como crenças silenciosas, condicionam e delimitam a problematização do tema (Carvalho, et al., 2019; Mamede et al., 2022).

Para Ribeiro et al. (2019), as altas taxas de gravidez na adolescência fomentam um grande interesse sobre essa questão por parte dos profissionais de diversas áreas, que buscam uma compreensão sobre o tema e que permita explicar a complexidade desse fenômeno. Interessante observar que a autora acima citada, levanta uma questão acerca da divulgação das informações sobre os métodos contraceptivos: Se existe a informação, por que as adolescentes continuam engravidando? Para responder essa pergunta ela responde que é preciso focalizar o olhar sobre o que pensam essas jovens sobre esse fenômeno.

A maior parte das adolescentes grávidas de maneira precoce acabam parando os estudos e dizendo que vão voltar depois do nascimento do bebê, no entanto, na verdade, várias delas interrompem e não voltam mais às salas de aula. A evasão escolar vai repercutir no futuro dessa jovem, onde isso acarretará como consequências o

desemprego, analfabetismo funcional e a dependência financeira dos familiares, razões essas que vão refletir no baixo nível escolar e no índice de pobreza (Souza et al., 2019).

Fatores de risco obstétricos e socioeconômicos são analisados em relação ao baixo peso ao nascer porque se somam às vulnerabilidades típicas da adolescência. Dentre estes, constatou-se que o relacionamento com o companheiro e o nível de escolaridade são os fatores que mais influenciam no desfecho do evento, pois relacionamentos estáveis nesta fase da vida favorecem a negligência no uso de anticoncepcionais, bem como relações sexuais mais ativas, aumenta o risco de gravidez indesejada. A escolaridade tem relação inversa com o autocuidado, pois quanto menor o nível de conhecimento, maior a probabilidade de se deparar com situações de risco e traumáticas, como gravidez na adolescência e baixo peso ao nascer, é enorme (Tuon, et al., 2020).

Confirmando os resultados encontrados, uma análise realizada Santos, Pio e Souza (2022) e Dias, Antoni e Vargas (2020) encontraram resultados significativamente piores nas adolescentes precoces, relacionados ao pré-natal inadequado, maior prematuridade, maior risco para baixo peso ao nascer e Apgar 5º menor que sete, indicando que a gravidez na adolescência está associada à maior chance de nas cimento pré-termo.

Berlitz et al. (2020) tiveram como objetivo comparar os resultados obstétricos e neonatais entre mães adolescentes e adultas. Os autores encontraram uma maior incidência de resultados adversos em recém-nascidos cujas mães tinham entre 10 e 14 anos, em contraste com o grupo etário de mães de 15 a 19 anos e adultas. O estudo também indica que os maiores progressos na saúde materna nas últimas décadas favoreceram mais as mulheres jovens do que as adolescentes. Além disso, os autores enfatizam que, no que diz respeito à promoção da saúde dos adolescentes em nosso país, cabe à atenção primária assegurar o monitoramento do crescimento e do desenvolvimento. Isso inclui a abordagem à saúde reprodutiva de forma completa e contínua, que inclui educação em saúde, atividades coletivas e atendimento individual.

Por outro lado, Marques et al. (2022) destacam a relevância da assistência pré-natal e de estratégias preventivas, proporcionando ações que atendem às necessidades das adolescentes grávidas e oferecem oportunidades de aprendizado ao público-alvo,

explorando possíveis métodos de intervenção para reduzir a taxa de gestações adolescentes. Salienta-se que equipe de enfermagem tem como meta principal aprimorar o entendimento dos adolescentes sobre sexualidade e métodos contraceptivos, para que possam tomar decisões e agir adequadamente diante da gravidez na adolescência. Isso inclui ampliar o entendimento dos adolescentes sobre sexualidade e métodos contraceptivos, diminuir a quantidade de adolescentes grávidas e suas consequências, ampliar a participação dos familiares nesses assuntos, além de aumentar o suporte da equipe de saúde aos adolescentes.

Mamede et al. (2022) adicionam que atualmente existe uma campanha conhecida como Novembro Roxo, que contribui para a sensibilização sobre os efeitos disfóricos da prematuridade. A meta seria conscientizar a população acerca dos nascimentos prematuros e suas implicações para o feto, sua família e a comunidade. Por outro lado, observa-se a escassa implementação da campanha nos municípios brasileiros, frequentemente negligenciadas em favor do Novembro Azul. Além disso, nota-se falhas em programas de prevenção que promovam o uso de preservativos, o que reforça a falta de informação dessas adolescentes. Ainda é imprescindível que a equipe de enfermagem possua uma perspectiva integral, entendendo e acolhendo o adolescente em sua integridade e complexidade, oferecendo uma escuta atenta para essa interação, estabelecendo uma relação de confiança baseada em princípios éticos de confidencialidade, privacidade e respeito, fundamentais para a promoção e prevenção de riscos nesse grupo.

CONCLUSÃO

Os resultados desta análise indicam uma ligação entre a gravidez na adolescência e a prematuridade, afetando a morbimortalidade infantil e tornando-se um problema de saúde coletiva. Portanto, é responsabilidade dos profissionais de enfermagem melhorar a escuta, estreitar laços com esses jovens, assegurando acesso a informações e métodos contraceptivos, além de fomentar iniciativas coletivas que ajudem os

adolescentes a lidar com sua sexualidade, por meio do aprimoramento do autocuidado e do acesso a atividades educacionais.

Para reduzir a taxa de nascimentos prematuros e, conseqüentemente, as possibilidades de mortalidade neonatal, é crucial a execução adequada do pré-natal nas UBS regionais e outros locais de assistência à gestante. Obstetras e profissionais de enfermagem devem enfatizar o número de consultas necessárias durante a gestação e as possíveis conseqüências de um acompanhamento inadequado.

Além disso, é crucial promover a saúde durante consultas de enfermagem ginecológicas para prevenir possíveis gestações indesejadas, especialmente na adolescência. Além disso, é essencial intensificar as ações de orientação neste grupo, através dos ambulatórios de planejamento familiar, enfatizando a relevância de uma gravidez planejada para a saúde dos pais e do recém-nascido.

Assim, a divulgação de pesquisas como esta tende a destacar a importância do tema para a comunidade científica, profissionais da saúde e autoridades sanitárias. Isso faz com que o assunto seja mais discutido na prática de saúde, com o objetivo de prevenir conseqüências adversas de gestações na adolescência.

REFERÊNCIAS

Almeida, A.H.V.; Costa, M.C.O.; Gama, S.G.N.; Amaral, M.T.R.; Vieira, G.O. Baixo peso ao nascer em adolescentes e adultas jovens na Região Nordeste do Brasil. **Rev. Bras. Saude Mater. Infantil**, v. 14, n. 3, jul-set. 2019.

<https://doi.org/10.1590/S1519-38292014000300009>

Castilho, S.B.; Mattos, V.G.S.; Pedrosa, L.G.B. Impactos físicos e emocionais da gestação na adolescência: uma revisão de literatura. **Revista Foco**; v. 17, n. 5, 2024. DOI: <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v17n5-019>

Cólis, B. E; Souza, L.L. **A educação infantil e outras possibilidades de educar:** Pesquisa-intervenção e as discussões de gêneros, sexualidades e infâncias. 2020. 118p. Dissertação (Mestre em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e LetraS, Assis, 2020.

Berlitz, B.; Nora, C.R.D.; Schaeferiii, R.; Viegas, K.; Agranonik, M.; Barbiani, R. Fatores de risco aos desfechos obstétricos e neonatais de mães adolescentes. **Rev. Enferm. UFSM – REUFSM**, Santa Maria, RS, v. 10, e89, p. 1-19, 2020 DOI: 10.5902/2179769240813 ISSN 2179-7692

BRASIL. Ministério da Saúde. **Por hora, nascem 44 bebês de mães adolescentes no Brasil, segundo dados do SUS**. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/comunicacao/noticias/por-hora-nascem-44-bebes-de-maes-adolescentes-no-brasil-segundo-dados-do-sus> Acesso em: 04 out. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal**: saúde, um direito de adolescentes. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.

Cabral, Cristiane Silva. Gravidez na adolescência, iniciação sexual e gênero: perspectivas em disputa. **Cad. Saúde Pública**; v. 36, n. 8, e00029420, 2020. doi: 10.1590/0102-311X00029420 Acesso em: 04 out. 2022.

Carvalho, J.B.L.; Teixeira, G.A.; Moraes, P.C.; Sena, A.V.; Alves, T.R.M. Condições socioeconômicas da gestação de bebês prematuros **Rev. enferm. UFPE on line**, v. 12, n. 2, p. 386-390, fev. 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-965911> acesso em: 15 out. 2024.

Chwedorowicz, R.; Skarzynski, H.; Pucek, W.; Gogtay N. Tadeusz Studziński Neurophysiological maturation in adolescence – Vulnerability and counteracting addiction to alcohol. **Annals of Agricultural and Environmental Medicine**, v. 24, n. 1, p. 19–25, 2017. Disponível em: <https://www.aaem.pl/Neurophysiological-maturation-in-adolescence-vulnerability-and-counteracting-addiction,72601,0,2.html> Acesso em: 04 out. 2022.

Da Silva Ribeiro, V.C.; Nogueira, D. L.; Assunção, R. S.; Silva, F. M. DE R. E.; Quadros, K. A. N. Papel do enfermeiro da estratégia de saúde da família na prevenção da gravidez na adolescência. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 6, n. 1, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.19175/recom.v0i0.881> Acesso em: 20 out. 2022.

Dadoorian, Diana. Gravidez na Adolescência: um Novo Olhar. **Psicologia, Ciência e Profissão**; v. 21, n. 3, p. 48-91, 2003. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000100012 Acesso em: 20 out. 2022.

Dias, B.F.; Antoni; Vargas, D. Perfil clínico e epidemiológico da gravidez na adolescência: um estudo ecológico. **Arq. Catarin Med.**, v. 49, n. 1, p. 10-22, jan-mar. 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1096059> Acesso em: 15 out. 2024.

ECA. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei 8.069 de 1.990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em: 20 abr. 2024.

Izidro, C.M.; Vale, J.S. **Atuação do enfermeiro na prevenção da gravidez precoce**. 2019. 47p. Monografia (graduação em Enfermagem) - Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, Ariquemes, 2019.

Mamede, I.S.P.; Icassati, I.B.; Miranda, M.R.; Lopes, Y.S.; Almeida, A.R.; Costa, A.P.; Borges, L.C. Prematuridade associada à gestação na adolescência no Estado de Goiás de 2015 à 2019. **Revista Master**, v. 7, n. 3, 2022. DOI: : <https://doi.org/10.47224/revistamaster.v7i13.247>

Marques, T.M.; Marski, B.S.L.; Souza, B.F.; Bonelli, M.A.; Fabbro, M.R.C.; Wernet, M. Adolescentes grávidas que experienciaram o nascimento prematuro: percepções acerca do cuidado pré-natal. **Esc. Anna Nery Rev. Enfermagem**, v. 26, p. e20210253, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1356226>

Mendes, K. D. S.; Silveira, R. C. C. P.; Galvão, C.M. Revisão integrativa: método de pesquisa para incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, v.17, n.4, p. 758-64. Florianópolis, Out-Dez, 2008. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-507765> Acesso em: 20 abr. 2024.

Menon, R. L. D. S. Gravidez na adolescência: uma abordagem preventiva na Atenção Básica de Saúde. **Unasus**; v. 23, n. 3, p. 345-365, 2019. Disponível em: https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/13225/1/Renata_Leite_da_Silva_Menon.pdf Acesso em: 04 out. 2022.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Saúde. **Atenção à Saúde do Adolescente**. 2. ed. – Belo Horizonte: SAS/MG, 2017. 152 p.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Child and adolescent health and development**. Genebra: OMS, 2009. <http://www.who.int/child-adolescent-health/> Acesso em 15 out. 2024.

Pereira, S. S. M.; Oliveira, M. N. J.; Koller, J. M. R. C.; Miranda, F. C. A.; Ribeiro, I. P.; Oliveira, A. D. S. Perfil de Gestantes Acometidas de Parto Prematuro em uma Maternidade Pública. **Rev. pesqui. cuid. fundam.** (Online), v. 10, n. 3, p. 758-763, jul.-set. 2019.

Pinheiro, Y. T.; Pereira, N. H.; Freitas, G. D. M. Fatores associados à gravidez em adolescentes de um município do nordeste do Brasil. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 27, p. 363-367, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-906507> Acesso em 15 out. 2024.

Ribeiro, J. F.; Passos, A.C.; Lira, J.A.C.; Silva, C. C.; Santos, P. O.; Fontinele, A. V. C. Complicações obstétricas em adolescentes atendidas em uma maternidade pública de referência. **Revista de Enfermagem UFPE On Line**, v. 11, n. 7, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/23446> Acesso em 15 out. 2024.

Rocha, M. K., Silva, C. T., Maciel, L. M. N. L.; Bezerra, A. C. S.; Clemente, M. H. S.; Vasconcelos, C. Assistência do enfermeiro a educação sexual dos adolescentes na atenção básica. **Ibmec**, v. 8, n. 2, p. 344-456, 2017.

Rosa, A.J.; Reis, A. O. A.; Ferreira, M.R. **Gravidez precoce, gravidez não-planejada ou gravidez não desejada: eis a questão**. 2006. Tese (Doutorado em Saúde Pública), Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2006.

Santos, N.L.A.C.; Costa, M.C.O.; Amaral, M.T.R.; Vieira, G.O.; Bacelar, E.B. Gravidez na adolescência: análise de fatores de risco para baixo peso, prematuridade e cesariana. *Ciênc. saúde coletiva*, v. 19, n. 03, mar. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.18352013>

Santos, S. D. G. Fundamentos da Educação Especial e Inclusiva. p. 15-37. In: FUMES, N. de L. F.; SANTOS, S. D. G.; DAMATO, T. A. L. (Orgs.). **Atendimento Educacional Especializado para estudantes com Deficiência Intelectual**: aspectos conceituais, legais e práticos. Maceió: EDUFAL, 2019, 178 p.

Santos, T.P.S.; Pio, E.S.; Sousa, F.C. Gravidez na adolescência e prematuridade: existe associação? **Revista Científica Escola de Saúde Pública do Ceará**, v. 6, n. 1, p. 2-8, jan.mar. 2022. DOI: 10.54620/cadesp.v16i1.579

Santos, S.S.; Carvalho, L.F. Percepção de adolescentes gestantes sobre a assistência de enfermagem ao pré-natal. *Enfermagem em foco*, v. 11, n. 3, 2020. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2868/0> Acesso em: 15 out. 2024.

Silva, A.J.A.; Aranha, W.F.Silva, L.N.; Oliveira, F.M. Sociedade, sexualidade e família: apontamentos sobre a complexidade da gravidez na adolescência. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, v. 23, n. 43, p. 88-107, semestral, julho-dezembro, 2022. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/csaemrevista> Acesso em: 15 out. 2024.

Sousa, C.R.O. et al. Fatores preditores da evasão escolar entre adolescentes com experiência de gravidez. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 26, p. 160-169, 2018.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/327047506_Fatores_preditores_da_evasao_e_scolar_entre_adolescentes_com_experiencia_de_gravidez Acesso em: 15 out. 2024.

Souza, M.L.; Lynn, F.A.; Johnston, L.; Tavares, E.C.T.; Brüggemann, O.M.; Botelho, L.J. Taxa de fertilidade e desfecho perinatal em gravidez na adolescência: estudo retrospectivo populacional. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 25, p. e2876, 2019. DOI: 10.1590/1518-8345.1820.2876

Tuon, R.A.; Ambrosano, G.M.B.; Silva, S.M.C.V.; Pereira, A.C. Impacto do monitoramento telefônico de gestantes na prevalência da prematuridade e análise dos fatores de risco associados em Piracicaba, São Paulo, Brasil . **Cad. Saúde Pública**, v. 32, n. 7, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00107014>